



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FATIMA INDIRA DE OLIVEIRA COSTA
LÍLIA HELLEN DOS SANTOS RODRIGUES

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E ISOLAMENTO SOCIAL NA
PANDEMIA DA COVID 19: um estudo de caso nas ações da ONG'MIM no município de
Breves - Marajó**

BREVES-PARÁ
2021

FATIMA INDIRA DE OLIVEIRA COSTA
LÍLIA HELLEN DOS SANTOS RODRIGUES

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E ISOLAMENTO SOCIAL NA
PANDEMIA DA COVID 19: um estudo de caso nas ações da ONG'MIM no município de
Breves - Marajó.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Mestranda. Renata Aparecida Farias Machado.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C837t Costa, Fatima Indira de Oliveira.
Transtorno do Espectro Autista e isolamento social na pandemia da COVID 19 : um estudo de caso nas ações da ONG' MIM no município de Breves-Marajó / Fatima Indira de Oliveira Costa, Lília Hellen dos Santos Rodrigues . — 2021.
36 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Renata Aparecida Farias Machado
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de Educação, Breves, 2021.

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Covid 19. 3. ONGs.
I. Título.

CDD 334.7098115

FATIMA INDIRA DE OLIVEIRA COSTA
LÍLIA HELLEN DOS SANTOS RODRIGUES

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E ISOLAMENTO SOCIAL NA
PANDEMIA DA COVID 19: um estudo de caso nas ações da ONG'MIM no município de
Breves - Marajó.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Mestranda. Renata Aparecida Farias Machado.

Data de aprovação: _____/_____/_____

Conceito:

Banca Examinadora:

Prof^a Mestranda Renata Aparecida Farias
Machado Orientadora. UFPA/CUMB/FECH

Prof^o Dr^oLeonildo Nazareno do Amaral Guedes
Membro interno UFPA/CUMB/FECH

Prof^o Esp. Carlos Rodrigo Moraes de Souza
Examinador externo

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, aos nossos pais Sebastião, Neuza (*im memoriam*) Elisandra, Nonato e Teca. Aos filhos Marina, Davi, Luiz Armando e Ângelo Miguel, por toda dedicação e compreensão ao longo do curso e pelo incentivo à realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao meu Deus que me deu sustento, força e capacidade para enfrentar os obstáculos que tive ao decorrer desta graduação. E por colocar pessoas em meu caminho para me ajudar nesta trajetória.

A minha família, em especial aos meus pais Sebastião e Neuza (*im memoriam*) que me criaram, me amaram, cuidaram e me repassaram os princípios de vida, que me fizeram valorizar as oportunidades e me dedicar para buscar melhorias de vida através da educação, mesmo sem nunca terem estudado, não mediram esforços para me ajudar e deram apoio e incentivo desde o início dos meus estudos, sendo os meus principais apoiadores em todos os momentos da minha vida. E aos meus pais Elisandra e Antenor, que me deram a vida e em especial minha mãe Elisandra que mesmo a distância me deu apoio e me incentivo, orando, me confortando e torcendo por mim para chegar até aqui.

Quero agradecer também ao meu namorado Lennon S. Furtado por me ouvir, me incentivar desde o início da minha graduação, pelas palavras de apoio e motivação para que não desistisse em meio aos obstáculos desta árdua caminhada. E aos seus pais Anastácio e Marlise por sempre me apoiarem e me incentivarem.

A Universidade Federal do Pará pela oportunidade e ensino que me proporcionaram, e a cada professor que me ensinou, em especial a Professora Mestranda Renata Aparecida Farias Machado que foi mais que uma orientadora, foi uma amiga. Agradeço a paciência, a humanidade, a sensibilidade e a força que sempre demonstrou comigo, sendo intensificada neste período de orientação. Sou grata e admiro muito mais o ser humano e profissional que ela é.

E por fim, quero agradecer a ONG'MIM e a todos os apoiadores deste projeto que nos permitiram finalizar esta pesquisa e nos deram a inspiração para sermos profissionais que fazem a diferença, assim como eles.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido força e determinação durante este projeto de pesquisa, para chegar até o final com saúde mental tendo que conciliar os estudos com árdua responsabilidade laboral e familiar.

Sou grata à minha mãe e ao meu pai que me ensinaram o valor do trabalho e dos estudos, e sempre incentivaram minha formação acadêmica.

Deixo um agradecimento especial à minha orientadora pela dedicação do seu escasso tempo a este projeto de pesquisa.

Também quero agradecer a Universidade Federal do Pará e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido. E por último, e não menos importante, aos meus filhos que são a real motivação do meu empenho em expandir meus conhecimentos e melhorar nossa condição de vida.

“ O conhecimento é poder. Utilize parte de seu tempo para educar alguém sobre o autismo. Não necessitamos de defensores. Necessitamos de educadores” (Asperger Women Association)

RESUMO

O presente artigo tem como foco principal, analisar resultados de estudos e percepções advindas do mapeamento realizado pela ONG' Movimento pela Inclusão no Marajó – MIM com famílias de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, com vistas a investigar se as políticas públicas estão conseguindo alcançar as pessoas com TEA e seus familiares no município de Breves perfazendo um recorte no âmbito educacional. O problema que norteou a pesquisa foi: Que impactos a pandemia da Covid 19 ocasionou no âmbito educacional das crianças com Transtornos do Espectro Autista –TEA, no município de Breves ? Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa sustentada por pesquisa bibliográfica, do tipo Estudo de Caso, na qual se usou como instrumentos de coleta de dados e informações o mapeamento executado pela ONG'MIM junto as famílias de pessoas com TEA no município. Quanto à análise e interpretação de dados e informações, foram utilizados os princípios da análise de conteúdo. Como base teórica se usou Vieira *et al.* (2020), Brasil (1994), Dias, Santos e Abreu (2021), Nazari (2017), Mantoan (2006) entre outros. Os resultados apontam que são incipientes os olhares da academia para a temática em questão e que há necessidade de uma compreensão mais clara sobre os meandros do processo de inclusão escolar e de políticas efetivas para a pessoa com TEA município de BREVES, aponta ainda que as famílias necessitam de maior participação neste processo de inclusão, faz-se necessário se utilizar estratégias metodológicas que trabalhem as necessidades educacionais básicas destes discentes neste período pandêmico que trouxe tantas transformações.

Palavras-chave: Covid 19. Transtorno do Espectro Autista. Família. ONG'MIM.

ABSTRACT

The main focus of this article is to analyze the results of studies and perceptions arising from the mapping carried out by the NGO Movimento pela Inclusão no Marajó – MIM with families of people with Autism Spectrum Disorder, with a view to investigating whether public policies are managing to reach people with ASD and their families in the municipality of Breves, making a cut in the educational scope. The problem that guided the research was: What impacts did the Covid-19 pandemic have on the educational scope of children with Autism Spectrum Disorder – ASD, in the municipality of Breves? This is a research with a qualitative approach supported by bibliographic research, of the Case Study type, in which the mapping carried out by the NGO MIM with the families of people with ASD in the municipality was used as data and information collection instruments. Regarding the analysis and interpretation of data and information, the principles of content analysis were used. Vieira et al. were used as a theoretical basis. (2020), Brasil (1994), Dias, Santos and Abreu (2021), Nazari (2017), Mantoan (2006) among others. The results indicate that the academic perspectives on the topic in question are incipient and that there is a need for a clearer understanding of the intricacies of the school inclusion process and effective policies for people with ASD in the municipality of BREVES, it also points out that families need greater participation in this inclusion process, it is necessary to use methodological strategies that work on the basic educational needs of these students in this pandemic period that has brought so many transformations.

Keywords: Covid 19. Autism Spectrum Disorder. Family. ONG’MIM.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 -	Gênero dos entrevistados.....	26
Figura 2 -	Faixa etária dos entrevistados.....	27
Figura 3 -	Organização social e instituição que encaminham para diagnósticos.....	28
Figura 4 -	Impactos da pandemia para pessoas com TEA.....	29
Figura 5 -	Quantitativo das pessoas com TEA entrevistadas que estão matriculadas na escola.....	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Educação especial na perspectiva da educação inclusiva e o atendimento educacional especializado.....	31
------------	---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CARACTERIZANDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA.....	14
2.1	Pessoa com Transtorno do Espectro Autista no contexto da pandemia.....	16
3	IMPACTOS DA COVID 19 EM BREVES-MARAJÓ.....	19
4	(RE)PENSANDO OS DESAFIOS EDUCACIONAIS: ESCOLA E FAMILIA.....	23
5	ONG MOVIMENTO PELA INCLUSÃO NO MARAJÓ – MIM E O PROJETO MARAJÓ AZUL.....	24
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	26
6.1	O Perfil das pessoas com TEA envolvidas na pesquisa.....	26
6.2	Quanto ao diagnóstico e encaminhamentos necessários.....	28
6.3	Os impactos da pandemia para pessoas com TEA.....	29
6.4	Educação Especial Inclusiva e o Atendimento Educacional Especial - (AEE)..	30
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Os desafios vivenciados no contexto da educação na perspectiva da inclusão são preocupantes, preocupa-se com a construção de um sistema educacional que ofereça à sociedade uma escola de qualidade. No entanto evidencia-se que esforços se concentram, majoritariamente, na idealização do conjunto de características que venha fundamentar esse conceito de qualidade e esqueça de discutir como realizar as necessárias transformações para que a instituição escolar efetivamente cumpra seu dever de educar em diferentes contextos.

Diante desta inquietação depara-se com um desafio ainda maior: A pandemia causada pela Covid -19, uma doença altamente contagiosa, causada por um vírus denominado Sars-co V-2, que exigiu reações imediatas no mundo inteiro em todos os aspectos para que pudéssemos ficar em segurança.

Em meio a todo esse caos que se alastrou na sociedade de forma global, deparamo-nos com a pessoa com Transtorno do Espectro Autista – TEA, e seus familiares num processo de readaptação e mudanças bruscas de rotinas. Uma vez que as orientações para que todos pudessem ficar seguros era o isolamento social.

O TEA, é um Transtorno que afeta um conjunto de comprometimentos baseados em pontos fundamentais como: Comunicação Social (socialização e comunicação), Comportamental (interesses restritos ou repetitivos).

Segundo a Lei 12764/2012, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; II - Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.(BRASIL, 2012, p.1 .)

Assim, como outras deficiências, o TEA ainda é cercado por atitudes de discriminação, preconceito e desconhecimento. Na escola e em outros contextos sociais, fala-se do aluno “autista” como se a palavra “autismo”, designasse uma categoria ou um diagnóstico preciso, objetivo e imutável.

Destarte, a respeito desta temática justifica-se pela necessidade de compreender o processo de inclusão escolar do aluno com TEA e sua relação escola e família diante das

mudanças ocasionadas pela pandemia da Covid 19.

Nos Estados Unidos, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças do governo (CDC, na sigla em inglês: Centers for Disease Control and Prevention) estima a prevalência de autismo em 1 a cada 59 crianças naquele país — números divulgados em abril de 2018, referentes à pesquisa de 2014. Estão previstos novos números a serem divulgados em 2020. O número de meninos autistas é aproximadamente quatro vezes maior que o de meninas.

A Organização das Nações Unidas (ONU), através da Organização Mundial da Saúde (OMS), considera a estimativa de que aproximadamente 1% da população mundial esteja dentro do espectro do autismo, a maioria sem diagnóstico ainda. No Brasil, temos apenas um estudo de prevalência de TEA até hoje, um estudo-piloto, de 2011, em Atibaia (SP), de 1 autista para cada 367 habitantes (ou 27,2 por 10.000) — a pesquisa foi feita apenas em um bairro de 20 mil habitantes daquela cidade. Segundo a estimativa da OMS, o Brasil pode ter mais de 2 milhões de autistas. (REVISTA AUTISMO, 2020).

O Marajó é um território de inúmeros contrastes, ao mesmo tempo em que há uma rica biodiversidade, há inúmeras mazelas de âmbitos sociais, políticos, econômicos dentre outros. Contudo há ações que preveem minimizar estas lacunas, como é o caso da ONG Movimento pela inclusão no Marajó - MIM, esta ONG objetiva fortalecer a inclusão da Pessoas Com Deficiência no Marajó, dentre suas ações está a criação do Projeto Marajó Azul, com a finalidade de difundir o Autismo no Marajó com ações que possam:

Ampliar o conhecimento sobre autismo;

- Mapear a situação da pessoa com Autismo no Marajó.

- Fomentar e colaborar para implementação de Políticas Públicas para as pessoas com TEA no Marajó.

- Fomentar que os municípios marajoaras realizem ações sobre o AUTISMO.

Para mapear a situação da pessoa com deficiência no Marajó, a ONG MIM, realizou pesquisas, aplicação de formulários com perguntas abertas e fechadas, envolvendo questões norteadoras em diferentes instituições que compõem a estrutura do município, assim como com pais e/ou familiares de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Este documento, dirige-se a comunidade em geral, contudo em especial ao poder legislativo, executivo e esferas que busquem a garantias de direitos. As pesquisas foram realizadas como objetivo de mapear a situação da pessoa com deficiência, em Breves e no Marajó e assim poder colaborar com propostas de implementação de políticas públicas que sejam capazes de promover a garantia dos direitos e necessidades das pessoas com TEA.

A Sede da ONG MIM encontra-se no município de Breves, e realiza um trabalho de

assessoria e assistência técnica e educacional a inúmeros municípios Marajoaras que precisam fortalecer as políticas de Inclusão.

A reflexão realizada no mapeamento trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa sustentada por pesquisa bibliográfica, do tipo Estudo de Caso, na qual se usou como instrumentos de coleta de dados informações extraídas do mapeamento executado pela ONG MIM junto as famílias de pessoas com TEA no município.

Os resultados da pesquisa serão apresentados em duas seções: A primeira apresenta alguns apontamentos acerca da caracterização do Transtorno do Espectro Autista, e seu contexto diante da pandemia, assim como os impactos da Pandemia do Covid-19 no Município de Breves, no Marajó-Pará, que vão desde a infraestrutura precarizada da rede de saúde, não somente em Breves, mas na região como um todo, até a falta de recursos tecnológicos básicos para continuidade das atividades escolares dos alunos da rede pública de ensino.

Na segunda seção, traçamos análises dos dados coletados nas análises do mapeamento em consonância com a pesquisa bibliográfica sobre o Movimento pela Inclusão no Marajó (MIM), mais especificamente o Projeto Marajó azul, que tem por objetivo a difusão do Autismona região do Marajó e faz parte das ações da ONG.

Destarte, esta pesquisa pretende analisar resultados de estudos e percepções advindas do mapeamento realizado pela ONG Movimento pela Inclusão no Marajó – MIM com famílias de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, com vistas a investigar se as políticas públicas estão conseguindo alcançar as pessoas com TEA e seus familiares no município de Breves, perfazendo um recorte no âmbito educacional.

2 CARACTERIZANDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA.

A definição encontrada no DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), de 2002 é que o Transtorno Autista consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses. Conforme Cruz *et al* (2016).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido por déficits persistentes na comunicação e interação social nas mais variadas circunstâncias e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Estas alterações estarão diretamente presentes nestas crianças de forma precoce no seu desenvolvimento, sendo assim, causando prejuízos consideráveis em campos importantes da sua vida (CRUZ et al., 2016 p. 15).

A mais recente definição é encontrada no DSM-V (2013), que trouxe pertinentes modificações na organização do diagnóstico do autismo. Uma das mais relevantes afirma que a “eliminação das categorias Autismo, Síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo e Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, passando a existir apenas uma denominação: Transtornos do Espectro Autista” (NAZARI et al, 2017, p. 05).

O Transtorno do Espectro do Autista é um transtorno do desenvolvimento neurológico, e deve estar presente desde o nascimento ou começo da infância, mas pode não ser detectado antes, por conta das demandas sociais mínimas na mais tenra infância, e do intenso apoio dos pais ou cuidadores nos primeiros anos de vida. Segundo o DSM-V o Transtorno do Espectro do Autismo deve preencher os seguintes critérios:

- 1) Déficits clinicamente significativos e persistentes na comunicação social e nas interações sociais, manifestadas de todas as maneiras seguintes: a. Déficits expressivos na comunicação não verbal e verbal usadas para interação social; b. Falta de reciprocidade social; c. Incapacidade para desenvolver e manter relacionamentos de amizade apropriados para o estágio de desenvolvimento. 2) Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos duas das maneiras citadas a seguir: a. Comportamentos motores ou verbais estereotipados, ou comportamentos sensoriais incomuns; b. Excessiva adesão/aderência a rotinas e padrões ritualizados de comportamento; c. Interesses restritos, fixos e intensos. 3). Os sintomas devem estar presentes no início da infância, mas podem não se manifestar completamente até que as demandas sociais excedam o limite de suas capacidades (NAZARI et al, 2017, p. 05).

Por conseguinte, segundo os autores atualmente a nomenclatura e definição mais aceita no âmbito educacional é a do TEA trazida pelo manual de doenças DSM-V de 2013, sendo difundida amplamente no meio acadêmico e científico educacional.

O TEA está incluído entre os transtornos mentais de início na infância. Segundo o DSM- IV-TR, os transtornos mentais são:

Síndromes ou padrões comportamentais ou psicológicos clinicamente importantes, que ocorrem num indivíduo e estão associados com sofrimento (p. ex. sintoma doloroso) ou incapacitação (p. ex., prejuízo em uma ou mais áreas importantes do funcionamento) ou com risco significativamente aumentado de sofrimento, morte, dor, deficiência ou perda importante de liberdade” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, pp. 26-27-28).

A partir da definição citada, para o Ministério da Saúde – MS, destacou-se os seguintes pontos, todos eles aplicáveis aos Transtorno do Espectro do Autismo (TEA):

O primeiro ponto destaca que os transtornos mentais, incluindo os TEA, não são definidos por uma causalidade “mental” (p. ex.: causas não físicas), mas por uma expressão clínica mental, ou seja, por alterações da experiência subjetiva e do comportamento que se

manifestam independentemente das causas subjacentes, sejam estas biológicas, psicológicas ou sociais.

No segundo ponto reflete-se que ao mesmo tempo, os transtornos mentais, tais como os TEA, são condições clínicas que se expressam “no indivíduo”. Ou seja, um transtorno mental só poderá ser diagnosticado se as alterações da vida subjetiva ou do comportamento tiverem se tornado intrínsecas ao sujeito em sofrimento.

E no terceiro ponto, para que uma condição clínica seja considerada um transtorno mental, não basta a identificação de diferenças significativas em relação à “norma” sejam estas qualitativas ou quantitativas, é necessário também que a condição apresentada esteja associada a algum prejuízo funcional.

Quanto mais precoce for o início de um transtorno mental, maior será o risco dele se estabilizar e se cornificar. Para um adulto, não faz muita diferença se o seu transtorno se iniciou aos vinte ou aos trinta anos de idade, mas, para uma criança, faz toda a diferença se o seu transtorno teve início quando sua idade era de dois ou de doze anos. Os mesmos “dez” anos têm um valor completamente diferente quando se trata de uma criança ou de um adulto.

Portanto, o MS (2015, p. 28) aponta que:

os transtornos do desenvolvimento são basicamente de dois tipos: específico ou global. Os transtornos *específicos* do desenvolvimento são aqueles que afetam o funcionamento psíquico ou cognitivo de forma circunscrita. Os transtornos de aprendizagem estão todos nessa categoria. Já os transtornos *globais* do desenvolvimento, que correspondem aos transtornos do espectro do autismo, afetam uma ampla gama de funções psíquicas, sendo também conhecidos como transtornos invasivos ou abrangentes do desenvolvimento.

Diante disto, é preciso superar os preconceitos e impactos que o diagnóstico de autismo tem socialmente, que constituem as diferentes configurações subjetivas a respeito do TEA, para que possamos pensar a pessoa com TEA, além de suas características de um diagnóstico, refletindo sobre o fenômeno em toda a sua dimensão singular e subjetiva. Isto possibilitaria a produção, a partir de novas constituições subjetivas, de diferentes estratégias e recursos para lidar com as demandas existentes na sociedade.

2.1 A Pessoa com Transtorno do Espectro Autista no contexto da pandemia.

No momento em que o mundo se “fecha”, nos perguntamos como iremos prosseguir com o processo educacional”, como iremos promover a inclusão se no momento o mundo está

cada vez mais isolado? O que dizer para as crianças que sofrem com algumas necessidades educacionais especiais? Como buscar interações e traçar caminhos que levem a educação na pandemia? uma vez que:

A pandemia fez com que nossos cotidianos fossem bastante alterados. Nossos modos de viver tiveram que se adaptar bruscamente a outras formas de comportamento e tivemos que incorporar ao nosso dia a dia o uso de máscaras e a higienização mais amigável de lugares, espaços e alimentos, além de aumentarmos a vigilância e a frequência de realização de nossos próprios hábitos higiênicos como o de lavar as mãos. As medidas de distanciamento social e essas transformações em nossos comportamentos passaram a ser chamadas de “novo normal”. (DIAS, SANTOS, ABREU, 2021, p.03).

Sabemos que a educação a distância é uma alternativa educacional válida, sobretudo, em algumas regiões do Brasil, mas para ela acontecer ou fluir precisa-se de uma conexão (internet), e equipamentos técnicos, que infelizmente nem todas as regiões possuem. E esse é o caso de grande parte dos alunos no município de Breves, no Marajó, que ainda não possuem uma internet de qualidade. Assim iniciam algumas inquietações de como educar os alunos com autismo, se nossas ferramentas, práticas pedagógicas ainda são ou incipientes ou inexistentes neste contexto? Diante desses desafios torna-se necessário que tenhamos em nossas mãos diversas propostas de metodologias que busquem o desenvolvimento proativo da criança no meio educacional.

As ações de acompanhamento e da interação entre aluno-professor, são de suma importância para o desenvolvimento do ensino aprendizagem, porém com as transformações e readaptações ocorridas torna-se essencial o trabalho colaborativo entre escola e família no processo de mediação do professor e o aluno, na perspectiva da educação inclusiva, para que não se perca ao comodismo, mas sim se especialize nas novas abordagem, nesse “novo normal”, e para isso é preciso:

Pensar em uma proposta curricular especializada para a educação, neste contexto de pandemia, contendo as alterações necessárias para que possa atender às necessidades educativas das crianças com TEA, proporcionando-lhes, assim, um desenvolvimento satisfatório, é voltar-se, sobretudo, para a construção de orientações de atividades lúdicas e interativas no âmbito familiar de modo a possibilitar que essas atividades se deem em ambientes que favoreçam o desenvolvimento pessoal, cognitivo e social dessas crianças. (DIAS, SANTOS, ABREU, p.18, 2021).

A educação inclusiva pressupõe escola aberta para todos, um ambiente em que todos aprendem juntos, quaisquer que sejam as suas dificuldades. Primeiramente a escola tem que cumprir essa prerrogativa como uma sociedade democrática na qual a justiça, o respeito pelo

outro e a equidade sejam princípios para uma escola inclusiva.

Considerando a ótica da Educação Infantil,

O contexto educativo, na educação infantil, para as crianças com Transtorno do Espectro Autista, contudo, vai além da vivência e compartilhamento de experiências, ele auxilia na construção e estruturação de áreas do desenvolvimento comprometidas. Pelo espectro. Tais construções são oportunizadas por vivências e experiências que em creches e pré-escolas, específicas do fazer pedagógico, que ampliam as possibilidades e os interesses das crianças com TEA. (DIAS, SANTOS, ABREU, p.14, 2021).

De acordo com Dias, Santos e Abreu (2021), tendo em vista que, no contexto pandêmico as crianças de educação infantil estão sob os cuidados de suas famílias e, considerando que no contexto familiar essas possibilidades interativas muitas vezes são reduzidas, e que uma das necessidades específicas da criança com TEA é a ampliação de seu repertório interativo, passaremos a discutir sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), a fim de que possamos compreender melhor suas características de modo a poder orientar possíveis ações educativas dirigidas a essas crianças, no contexto da pandemia do COVID-19.

Uma das formas encontradas para que o aluno que está em casa e continue aprendendo, foi a utilização da tecnologia ou a disponibilização de atividades impressas. Sendo assim, de modo a proporcionar aos muitos professores da Rede Estadual de Ensino trabalhar, fazer uso e explorar o conjunto de ferramentas digitais, foi formatado e realizado um Curso de Formação Pedagógica para atividades escolares não presenciais contribuindo com a utilização de novas formas de ensinar em espaços não presenciais de aprendizagem. (BORSTEL, FIORENTIN, MAYER, p.25, 2020).

É o ensino que deve se adaptar ao aluno e não o aluno se adaptar às normas pré-estabelecidas, sendo de suma importância para o desenvolvimento do cidadão crítico e reflexivo, agregar e respeitar os valores e regras de cidadania. E a constituição elucida que a educação é direito de todos, então têm-se que fazer valer a carta magna.

Borstel, Fiorentin e Mayer (2020), reforçam que a pandemia acentuou que a sociedade, a escola e as famílias precisam reinventar-se a cada dia. Vivemos num momento de muitas incertezas, em que escola e família precisam mais do que nunca estar afinadas e alinhadas no processo educativo, formativo e emocional de todos os envolvidos, mais do que nunca é preciso que o aluno tenha autonomia, protagonismo, engajamento e equilíbrio emocional diante de tantas incertezas.

São novos tempos, que exigem novas posturas e atitudes de todos. E a escola no meio desse processo readaptou-se rapidamente, mostrando agilidade e flexibilidade.

A pandemia trouxe muitos desafios, mas trouxe inúmeras possibilidades de mudanças, podemos dizer que vivemos em um tempo de ousadia. Uma jornada de trabalho intenso, todos querendo dar o seu melhor, muitas dúvidas, ansiedades, preocupações, e também de muita entrega. Nossa função é de acolher e apoiar, buscando aprender com eles os caminhos para esse novo modo de se relacionar com os alunos e a comunidade escolar. (BORSTEL, FIORENTIN, MAYER, p.51, 2020).

Diversos estudos demonstram que a escola não é uma instituição pronta e acabada, e que os professores e comunidade escolar precisam sempre estar atualizados e capacitados para as novas formas de ensino que estão surgindo, buscando sempre se reinventar, ressignificando o ensino para que o mesmo não se torne monótono ou de baixa qualidade, tenho que instigar cada vez mais nos alunos, como desbravadores do conhecimento, desafiá-los para uma sociedade cheia de novas descobertas, desta forma a pandemia talvez antecipou o remodelamento que tanto se debate ao longo dos anos.

A pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola, nos retirando a sala de aula, o ambiente que sempre foi o lugar de estabelecer os vínculos principais de mediações de conhecimento. A função docente desempenhada dentro desse lugar, onde professores, alunos e toda comunidade escolar se habituaram, já não é o espaço delimitado para essa função. Com o movimento de uma sala de aula é marcado por uma rotina intensa de afazeres, o tempo de pensar sobre outras formas de ser e fazer a aula, acaba sendo redimensionado para outros espaços de formação. Sempre falamos na transformação da escola, que precisamos repensar novos modelos, eis que a pandemia nos obrigou a mudar. (BORSTEL, FIORENTIN, MAYER, p.46, 2020).

Os desafios estão presentes e cada dia maiores, mas cabe a cada um de nós buscar meios de superar as dificuldades e fazer a diferença, em especial no território Marajoara.

E que o processo de inclusão não se torne um processo de exclusão, que a educação ultrapasse os muros da escola, que os ensinamentos da escola sejam aplicados em casa, que a sala de aula seja nossa casa e aos alunos, distribuindo afeto, ensino e aprendizagem.

3 IMPACTOS DA COVID-19 EM BREVES - MARAJÓ

O município Breves está localizado no Arquipélago na Mesorregião do Marajó, no Estado do Pará. De acordo com o último Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE sua população é de 92.860 habitantes (IBGE, 2010), O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) - Breves é 0,503, em 2010, o que situa esse município na faixa de Desenvolvimento Humano Baixo (IDHM entre 0,500 e 0,599)⁴.

A pandemia no Marajó iniciou em 14 de abril de 2020, quando houve o primeiro registro no município de Afuá. Isso trouxe à tona os grandes problemas enfrentados pela

população marajoara por ser uma população carente e predominantemente rural e as comunidades ribeirinhas que são dependentes do extrativismo diversificado. (VIEIRA. *et al.*, 2020).

No município de Breves, o número de casos de pessoas infectadas cresceu rapidamente, assim como o número de óbitos por conta do vírus SARS-CoV-2, também conhecido como novo coronavírus.

O município de Breves é uma região com diversas mazelas sociais, estruturais e econômicas. O que torna a população brevesense, um público muito vulnerável para essa pandemia, por conta da superlotação de residências em bairros pobres, precário sistema de saneamento básico, trabalhos informais desempenhados na rua ou em postos que não permitem o seu desenvolvimento remoto e contínuas viagens de barco, principal meio de transporte da população (VIEIRA *et al.*, 2020). Com baixos investimentos, a cidade não possui um sistema de saúde estruturado, além disso, há um número escasso de profissionais para atender toda a demanda do município. Mesmo que o município de Breves seja referência para atendimentos médicos das cidades vizinhas que pertencem ao Marajó Ocidental, ela não conta com estrutura suficiente para este fim.

A falta de recursos físicos também é um grande problema, as condições de infraestrutura dos hospitais são precárias e há poucos leitos de UTI disponíveis, “O município dispõe de apenas 11 leitos de UTI, sendo 6 instalados no Hospital de Campanha do Marajó (que passou a funcionar a partir do dia 11 maio) e 5 no Hospital Regional do Marajó, o que equivale a 0,03 leitos por mil habitantes, quando considerada a soma da população dos sete municípios atendidos. Este quantitativo está bem abaixo do recomendado pela Organização mundial da Saúde (OMS), que orienta que o ideal é dispor de 3 a 4 leitos para cada mil habitantes”. (MATOS, *et al.*, 2020). “Os dados do BRASIL (2020) confirmam a desigualdade de equipamentos e capital humano no sistema hospitalar do Marajó.

Entre os 16 municípios, 31,25% possuem respiradores (Breves, Soure, Gurupá, Bagre e Melgaço). Breves é o município que lidera em número de respiradores, responsável por 86,67% dos equipamentos desse tipo da região. Entretanto, Breves é também o município com o maior número de casos confirmados, o que evidencia uma alta taxa de ocupação desses respiradores.” (Vieira, *et al.*, 2020).

⁴ http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/breves_pa

Diante da pandemia de Covid-19, de um dia para o outro, o mundo sofreu grandes transformações, e isso não foi diferente no contexto educacional. Com a suspensão de aulas e o fechamento de escolas. E neste novo cenário, ficou ainda mais evidente a desigualdade no âmbito da educação brasileira, uma vez que enquanto algumas regiões as escolas retornaram o ensino por meio do ensino remoto, já em outras regiões, essa e nem outra modalidade de ensino não foi possível.

Percebe-se que no município de Breves e cidades vizinhas, a pandemia evidenciou problemas no âmbito educacional como: a falta de recursos digitais, a falta de domínio com as ferramentas tecnológicas (tanto por parte de alunos, bem como professores), a precariedade dos serviços de pontos de navegação disponíveis na cidade, e a dificuldade de acesso à internet pessoal e institucional.

Destarte, nenhuma medida foi tomada pelo poder público, juntamente com as instituições de ensino para que alguma medida fosse tomada, ou mesmo estratégias de ensino fossem articuladas para amenizar a falta de aulas na rede pública. Pois até a data de 31/12/2020 os alunos continuam sem aulas.

Outro fator discutido durante a pandemia é a Educação na perspectiva da inclusão. As escolas, juntamente com o engajamento dos pais, têm o papel de cuidar para que nenhuma pessoa público alvo da educação especial ou que possua alguma necessidade educativa seja desmotivada, excluída ou deixe de estudar em razão das suas limitações. Desta forma, é responsabilidade de todos atuarem para que não haja consequências discriminatórias e de aprofundamento das desigualdades.

Segundo a Declaração de Salamanca:

[...] para promover uma Educação Inclusiva, os sistemas educacionais devem assumir que a aprendizagem deve se adaptar às necessidades das crianças ao invés de se adaptar a criança a assunções preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem" (BRASIL, 1994, p. 4).

Em contraponto a pandemia trouxe muitas mudanças na vida de todos. E a mudança na rotina, afeta a vida de qualquer pessoa, principalmente das crianças. Porém, na vida das pessoas de TEA o impacto é ainda maior. Já que a rotina é fundamental para a o desenvolvimento deles.

A pessoa com transtorno do espectro autista, tem uma especificidade muito particular no que diz respeito a rotina, já que elas precisam de uma organização para os diferentes âmbitos de sua vida. Visto que possuem dificuldade em se comunicar, bem como se relacionar

a rotina é fundamental, pois esta as norteia, evita que se sintam inseguras, confusas e engajem em comportamentos indesejados. Diante disso o período de isolamento social e suas respectivas mudanças no dia a dia trouxeram grandes desafios para eles e seus familiares.

Segundo Barbosa (2006), “a repetição das ações planejadas, de determinadas práticas dá estabilidade e segurança às crianças. Saber que depois de determinada tarefa ocorrerá outra, dá tranquilidade às pessoas, sejam pequenas ou grandes”. A repetição do planejamento de forma disciplinada faz com que a rotina desenvolva sentimentos de prazer e confiança e, essa rotina precisa ser planejada para atender as necessidades das crianças com TEA.

Barbosa (2006), complementa “uma rotina adequada torna-se um instrumento facilitador da aprendizagem, ela permite que a criança estruture sua independência e autonomia, além de estimular a socialização”.

Borstel, V. V., Fiorentin, M. J. & Mayer, L. (2020, p.42) destacam que:

A pandemia reforçou que a sociedade, a escola e as famílias precisam reinventar-se a cada dia. Vivemos num momento de muitas incertezas, em que escola e família precisam mais do que nunca estar afinadas e alinhadas no processo educativo, formativo e emocional de todos os envolvidos. Mais do que nunca é preciso que o aluno tenha autonomia, protagonismo, engajamento e equilíbrio emocional diante dos Desafios da Educação em Tempos de Pandemia e de tantas incertezas.

E possível imaginar sobre o quão desafiador deve estar sendo para as famílias que possuem pessoas com quadro de Transtorno do Espectro Autista (TEA). As modificações cotidianas e limitações do atual contexto aumentaram de maneira expressiva os dilemas dessas famílias.

Se pensarmos de forma otimista, as famílias podem ter se reinventado e buscado meios de promover, de alguma forma, o desenvolvimento de seus filhos. Mas é preciso também ser realista e lembrar daqueles em que os pais continuaram trabalhando e não dispõem de um tempo razoável e necessário para dedicar a esta interação mais próxima, daqueles que podem estar desempregados, sem renda e/ou que não têm acesso aos meios tecnológicos, digitais remotos ou ainda daquelas famílias que apresentam alguma limitação para acessar, compreender e aplicar práticas voltadas ao que seu filho pontualmente precisa para se desenvolver. E diante disso, se torna mais evidente se pensar nos impactos causados pela ausência de Atendimento Educacional Especializado – AEE, presencial, à aprendizagem dos estudantes com deficiência.

Sabe-se que a pandemia ainda é uma realidade, mas já se pode tirar lições de tudo o que passamos até aqui. Primeiro, verifica-se que os problemas, continuam a desafiar a escola, da mesma forma como no modo presencial, mas agora eles ficaram mais evidentes. A escola

não pode continuar a mesma, é preciso adotar novas estratégias para que os direitos de todos possam ser garantidos, pois uma escola ou um sistema de ensino que se dizem discursivamente inclusivos devem buscar incessantemente a garantia de ensino a todos.

4 (RE)PENSANDO OS DESAFIOS EDUCACIONAIS: ESCOLA E FAMÍLIA

A educação no contexto da pandemia necessitou ser (re)pensada, pois a ideia de ensino remoto era fora de cogitação, visto que na educação básica a educação presencial sempre foi predominante. É lógico, que existe também a modalidade EAD, mas esta se trata de uma outra realidade, bem como, de uma escolha por parte do aluno.

Com a insurgência da pandemia do Covid-19, as aulas precisaram ser de forma remota, e isso exigiu mudanças no ensino e aprendizagem, e nesse cenário a família passou a ter um papel maior na educação das crianças. Há muitos problemas e dificuldades oriundos da pandemia do Covid-19, pois afetou vários setores da sociedade e, em se tratando da educação, o caos foi inevitável. Inúmeros/as alunos/as ainda estão sem estudar porque ainda não puderam retornar à sala de aula e os que voltaram por meio do ensino remoto, convivem com os desafios dessa nova realidade.

E nessa conjuntura, a família se constitui como uma via muito importante para o prosseguimento do processo de ensino e aprendizagem, como destaca Nogueira (2002, p. 289), ao explicitar que “a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos pode influenciar, de modo efetivo, o desenvolvimento escolar dos filhos. Sendo assim, a família é o primeiro grupo com o qual a criança convive e seus membros são exemplos para a vida.”

A escola e a família são os principais responsáveis pela educação das crianças, e mais do que nunca, nesse momento de pandemia, a família tem de se fazer presente no processo educativo, sendo um parceiro do professor que não pode se fazer presente em sala de aula. Sendo somente com a ajuda e comprometimento das famílias que a educação poderá ter melhores rendimentos.

Com a obrigatoriedade de convívio por mais tempo em casa, as famílias também necessitam de atenção psicossocial, haja vista que, os níveis de estresse tendem a se elevar quando há sobrecarga de tarefas para se realizar, nesse caso, além do trabalho extra casa, se esse for o caso, há os internos, que são as tarefas rotineiras, somado a isso, mais o acompanhamento integral da pessoa com TEA.

Muito se fala em acompanhamento das pessoas com TEA, mas é necessário também dar ênfase a estrutura familiar a sua volta, e cuidar para que estas também tenham o

acompanhamento psicossocial adequado para assim poderem estar tranquilas para lidar com as exigências que uma pessoa com TEA precisa, como enfatiza o Ministério da Saúde:

As dificuldades nas interações familiares podem desencadear sintomas psicológicos na infância ou, ainda, incidir sobre o funcionamento do corpo em crianças com deficiência, podendo significar mudanças no tônus muscular, progressos ou perdas de funções. Isso sugere a importância de incluir familiares ou cuidadores nas estratégias de atenção psicossocial voltadas a todas as crianças, sobretudo durante a pandemia. É possível apoiá-los por meio de escuta sensível, incentivo à busca por apoio junto a seus pares e intervenções para promoção de práticas parentais positivas, bem como realização de encaminhamentos alinhados às particularidades de cada caso. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, p.5).

Se por um lado esse maior tempo em casa pode ser um desencadeador de novos sintomas, ou mesmo a intensificação daqueles já existentes, por outro lado, pode ser uma oportunidade de fortalecer o vínculo familiar.

De acordo com o Ministério da Saúde (2020, p. 7), cabe também frisar que “é importante que as famílias entendam que é possível perder a paciência e sentir ansiedade e raiva em alguns momentos, afinal, vive-se um período de excepcionalidade.” E é nesse sentido que se dar a importância da rede psicossocial realizar um trabalho juntamente com a família, para que estas entendam e aprendam a conviver com os seus limites, para poderem lidar tanto com as exigências que a criança com TEA precisa, mas também com suas próprias limitações.

5 A ONG'MOVIMENTO PELA INCLUSÃO NO MARAJÓ – MIM E O PROJETO MARAJÓ AZUL

Ao longo do tempo, as pessoas com deficiência enfrentaram, e ainda enfrentam, inúmeros obstáculos para romper a invisibilidade gerada pelo preconceito e o paradigma da desigualdade que está enraizado no seio da sociedade. Frente a este cenário de exclusão foram surgindo movimentos sociais organizados pelas próprias pessoas com deficiências, seus familiares e a sociedade civil organizada que lutavam em busca de igualdade de direitos (SILVA; SILVA; ZACARIAS, 2016, p. 10).

No transcorrer do contexto histórico os movimentos sociais que lutavam para obter os direitos para as pessoas com deficiência foram ganhando mais espaço mundialmente por meio dos decretos, encontros e assembleias. Assim, muitas conquistas foram alcançadas paulatinamente (SILVA; SILVA; ZACARIAS, 2016, p. 10).

Na visão dos autores, o cenário brasileiro, a luta pelos direitos das pessoas com deficiência foi sendo conquistado aos poucos. Enfatizam que esse processo ocorreu de forma tardia através das reivindicações dos movimentos sociais em prol da igualdade de direitos.

A priori, os movimentos em prol dos direitos das pessoas com deficiência surgem por meio da organização dos mesmos (pessoas com deficiência e seus familiares que abraçavam a causa e lutavam por mais direitos inclusivos), que por sua vez dão início a sua organização nos anos finais da década de 1970 período ainda ditatorial brasileiro (SILVA; SILVA; ZACARIAS, 2016, p. 27).

Os mesmos, ainda frisam que

os movimentos sociais que lutavam em busca dos direitos das pessoas com deficiência passam a ganhar mais notoriedade após a nova Constituição de 1988, a partir daí, não só o supracitado grupo ganha voz, mas negros, índios e mulheres. O movimento organizado pelas pessoas com deficiência obtém destaque na organização nacional, onde foram delegados líderes para discussões das categorias com representação de cada federação do Brasil. (SILVA; SILVA; ZACARIAS, 2016, p. 27)

O esforço de unificação nacional das pessoas com deficiência, durante a década de 1980, passou por rearranjos políticos importantes que resultaram na organização do movimento por grupos com a mesma manifestação da deficiência. Esse rearranjo foi visto por muitos militantes da época como insucesso na tentativa de criar uma grande organização nacional, unificada em torno da Coalizão. No entanto, a experiência de articulação do movimento adquirida no início da década de 1980 foi bastante profícua para que, independentemente do tipo de deficiência, se conseguisse incorporar os princípios de igualdade na Constituição de 1988 (JÚNIO; MARTIZ, 2010 apud SILVA; SILVA; ZACARIAS, 2018, p. 30).

A educação inclusiva é defendida pela legislação brasileira e pelas políticas públicas com modalidade para o atendimento de crianças e adolescentes com deficiência; desde a década de 1990, se vem sinalizando que os alunos com deficiência devem frequentar escolas regulares. Para tanto, é preciso ressaltar, as leis e políticas destacam que é a escola quem deve se adequar as necessidades do aluno e que é dever do Estado garantir as condições para a inclusão destes, com Atendimento Educacional Especializado (VIERA; GOMES; MELO, 2019, p. 25).

Diante disso, deste contexto histórico surge no Marajó no ano de 2015 o Movimento pela Inclusão no Marajó, formado a princípio por um grupo de professores e familiares de pessoas com deficiência pela causa da inclusão com o objetivo de fortalecer a inclusão da Pessoas Com Deficiência no Marajó.

O referido Movimento desenvolveu um trabalho de responsabilidade social com

inúmeras lutas e conquistas o que veio a consolidar a realização de diversas ações realizadas por todo o território Marajoara.

Uma das ações de destaque é o Projeto Marajó Azul, que tem a finalidade de difundir o Autismo no Marajó com ações que possam ampliar o conhecimento sobre autismo; mapear a situação da pessoa com Autismo no Marajó; Fomentar e colaborar para implementação de Políticas Públicas para as pessoas com TEA no Marajó. Fomentar os municípios marajoaras a realizarem ações sobre o AUTISMO.

Para mapear a situação da pessoa com deficiência no Marajó, a ONG MIM, realizou pesquisas, aplicação de formulários com perguntas abertas e fechadas, envolvendo questões norteadoras em diferentes instituições que compõem a estrutura do município, assim como com pais e/ou familiares de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

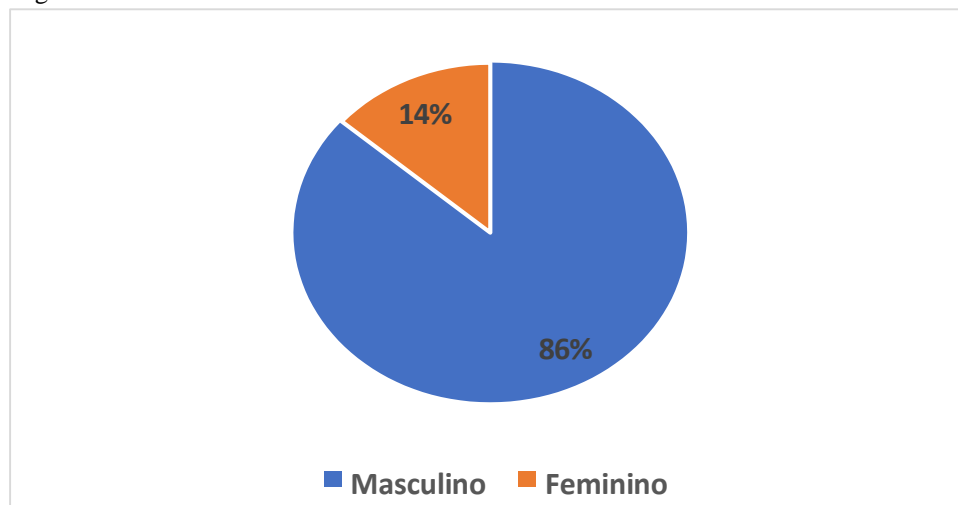
As pesquisas foram realizadas como objetivo de mapear a situação da pessoa com deficiência, em Breves e no Marajó e assim poder colaborar com propostas de implementação de políticas públicas que sejam capazes de promover a garantia dos direitos e necessidades das pessoas com TEA.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 O Perfil das Pessoas com TEA envolvidas na Pesquisa.

O gráfico abaixo (figura 1) apresenta o quantitativo dividido em gênero de pessoas que participaram da pesquisa, sendo ao todo 44, dentre estes estão pessoas com autismo e suas respectivas famílias.

Figura 1 - Gênero dos entrevistados

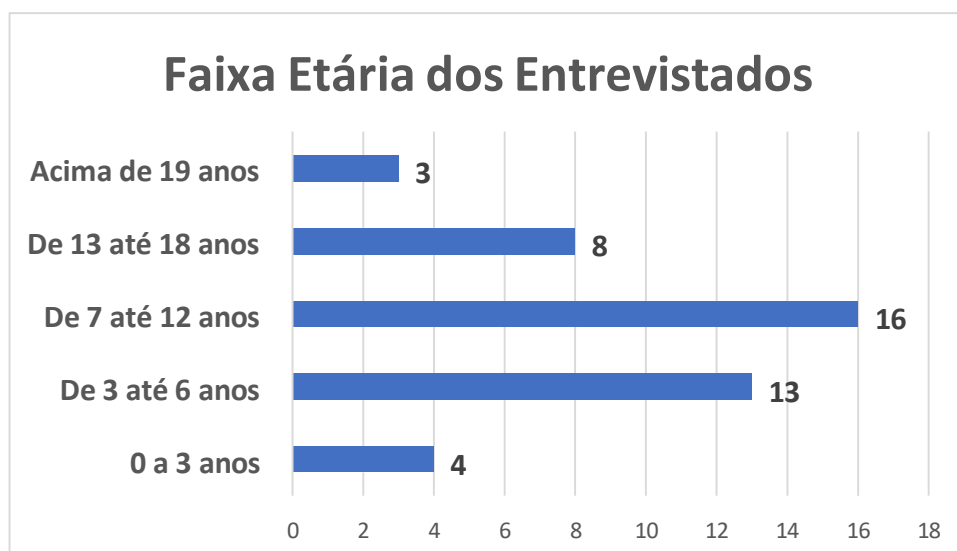


Fonte: (Edivana.,et al, 2020)

De acordo com a pesquisa observou-se uma maior incidência do gênero masculino, sendo este com 38 pessoas (86%) em relação ao gênero feminino, apenas seis (14%). Esses dados estão em consonância com outros estudos, tanto nacionais, onde houve uma incidência média de 3 meninas para cada 17 meninos, quanto estudos internacionais, como a do Center for Disease Control, (BAIO, 2010) que relatou prevalência de um menino com TEA para cada 42 meninos e uma menina com TEA para cada 189 meninas.

Quanto a faixa etária dos participantes da pesquisa, a média varia de zero a acima de dezenove anos de idade, como demonstra o gráfico a seguir:

Figura 2 - Faixa etária dos entrevistados.



Fonte: (Edivana. P; et al. 2020)

Em relação ao parâmetro faixa etária, houve predomínio da faixa etária de 7-12 anos, seguida pela de 3-6 anos, 13-18 anos, 0-3 anos e acima de 19 anos (figura 2). Quanto mais cedo o diagnóstico do autismo mais rápido pode se iniciar o tratamento, bem como, o acompanhamento especializado educacional necessário para que a criança se sinta incluída na escola. A respeito da inclusão, Mantoan destaca que:

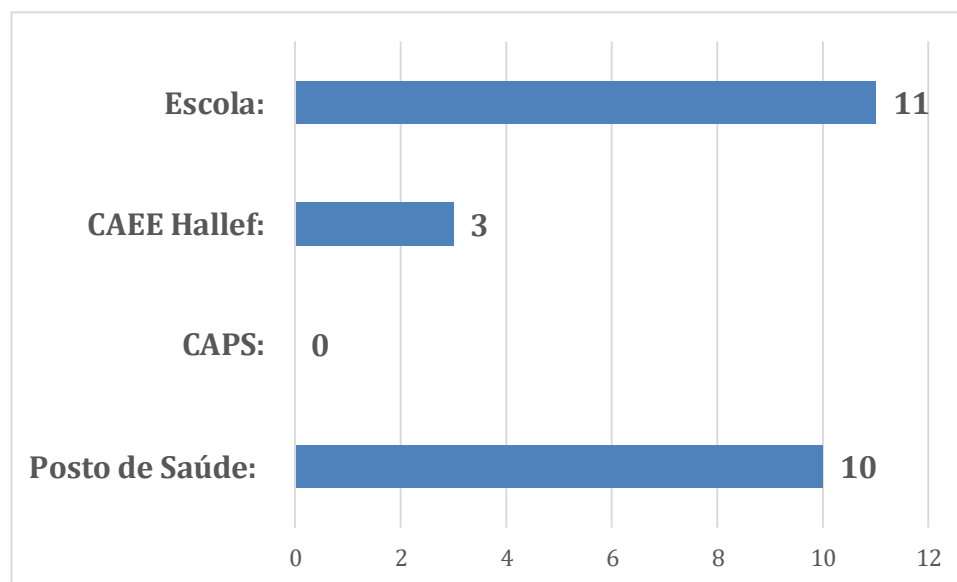
[...] a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldades de aprender, mas a todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral [...] A inclusão total e irrestrita e o direito à diferença nas escolas é uma oportunidade que se tem para reverter a situação da maioria das escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino. (MANTOAN, 2006, p. 19)

Não basta somente inserir os alunos nas salas de aulas comum, mas é preciso lhes dar o suporte necessário para assegurar que a educação lhes seja garantida de forma plena.

6.2 Quanto ao Diagnóstico e Encaminhamentos Necessários

No que concerne aos encaminhamentos para possível diagnóstico de autismo, a pesquisa detectou que escola se consolidou como a instituição que mais encaminhou, como pode ser visto no gráfico abaixo. Esse é um dado importante, haja vista que os sintomas podem ser identificados também pela observação comportamental dos alunos, mas os professores e demais profissionais necessitam ter um olhar aguçado para detectar esses comportamentos.

Figura 3 – Organização social e instituição que encaminharam para diagnósticos



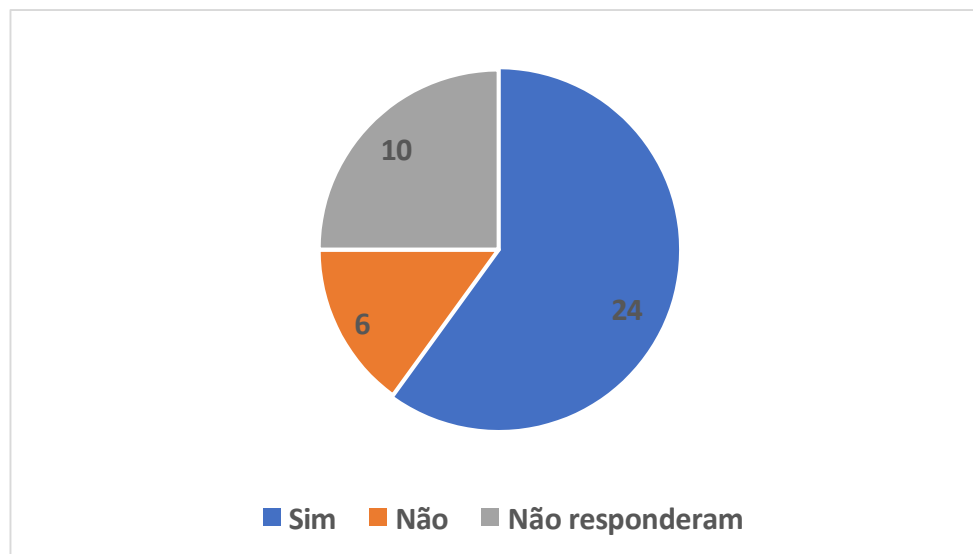
Fonte (Edivana P; et al; 2020)

E sobre os órgãos que encaminharam estas pessoas para diagnóstico podemos identificar que há maior preponderância da escola, que encaminharam 11 pessoas, seguida dos postos de saúde que encaminharam 10 pessoas, o Centro de Atendimento Educacional Especializado Hallef Pinheiro - CAEE com três encaminhados e o Centros de Atenção Psicossocial - CAPS que não encaminharam nenhum dos entrevistados. E com isso podemos perceber a grande importância das escolas nesse diagnóstico, bem como a falta de articulação entre estas instituições, já que elas deveriam trabalhar de forma mais articulada. Uma vez que o CAPS é referência no atendimento psicossocial no município e nenhuma pessoa foi orientada a vir procurar diagnóstico por essa instituição (figura 3).

6.3 Os impactos da Pandemia para as Pessoas com TEA

A Pandemia trouxe mudanças significativas nas vidas das pessoas com TEA e suas respectivas famílias, na pesquisa a maioria dos entrevistados sentiram as mudanças nos comportamentos dos filhos durante esse período de pandêmico, como pode ser visto no gráfico. (figura 4).

Figura 4 - Impactos da pandemia para pessoas com TEA.



Fonte: (Edivana P; et al, 2020)

Segundo as famílias, as principais mudanças comportamentais foram: **agitação, irritabilidade, estereotípias motoras e retrocesso na linguagem.**

As famílias que possuem pessoas com quadro de Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm sofrido impactos durante a quarentena. As modificações cotidianas e limitações do atual contexto aumentaram de maneira expressiva os dilemas dessas famílias.

Assim sendo, a pandemia de certa forma vem trazendo mudanças para muitas pessoas, inclusive para este público, principalmente em virtude de não ter acesso as terapias.

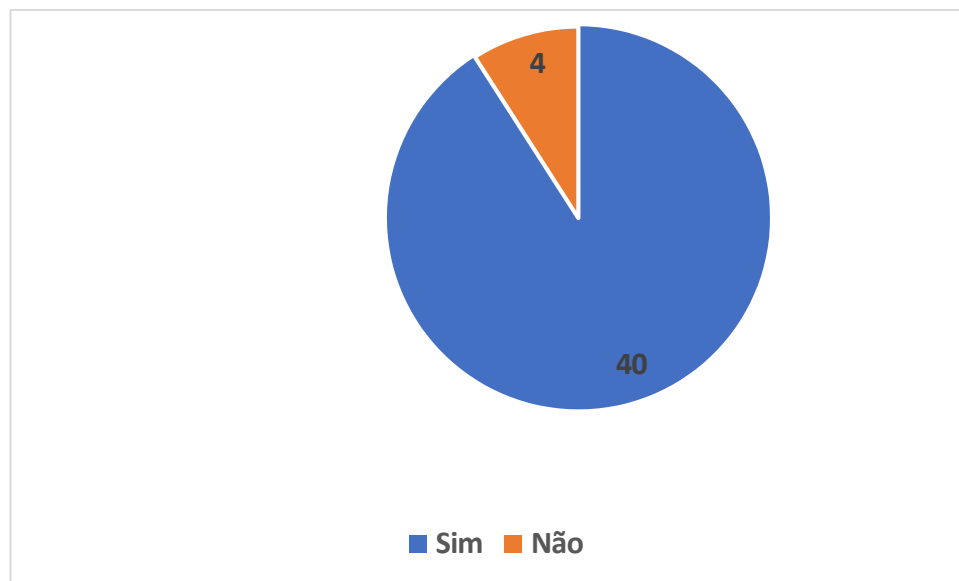
As pessoas com autismo, por sofrerem com adaptação de alteração do desenvolvimento neurológico presente desde o nascimento ou começo da infância, diante do brusco rompimento da sua rotina, podem apresentar momentos de irritabilidade. Tal fato ocorre pela dificuldade causada pelo transtorno como entrave da interação social, devido a limitações na comunicação, além de alterações comportamentais, como manias, interesse restrito em coisas específicas e sensibilidade sensorial. (BARBOSA, *et al.*, 2020, p.91).

As mudanças nos hábitos outrora estabelecidos são um desafio, no entanto, é inegável que as transformações impostas com a crise de saúde têm ressignificado a vida das pessoas com TEA, de seus respectivos familiares e dos profissionais que trabalham com esse público, sendo assim “se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças.” (MANTOAN, 2006, p. 14). Somente assim, poderemos incluir de fato as pessoas.

6.4 Educação Especial e inclusiva e o Atendimento Educacional Especializado (AEE)

Dentre os 40 participantes da pesquisa, 36 regularmente matriculados nas escolas. Este é um dado significativo, pois representa 90% do quantitativo total, sendo apenas 10% os que estão fora da escola, como representado no gráfico:

Figura 5 - Quantitativo da pessoa com TEA entrevistados que estão matriculados na escola



Fonte: Edivana P, et al, 2020)

A inclusão de alunos com TEA nas escolas regulares é um desafio constante pois não diz respeito somente a alfabetização. Mas sim sua inserção no ambiente escolar contemplando não somente a sua permanência em sala de aula, mas também, sua inclusão no meio social e nas atividades em grupo e individuais. Para Machado:

Toda a equipe escolar deve estar apta a mudanças, pois o autismo é síndrome que afeta a criança organicamente e, esses déficits causam alterações sensoriais e comportamentais importantes para o seu convívio social e para

as suas aprendizagens educacionais e sociais. Muitas atitudes devem ser tomadas para conseguir com que a criança com TEA compreenda a vida escolar e se sinta segura e confortável. Possibilidades de autonomia e liberdade para expressar-se devem ser apresentadas a criança com TEA. Estabelecer uma rotina e antecipação visual para que ela possa orientar-se e preparar-se para as atividades e eventos na escola, mostrar-lhe visualmente como se comportar por meio de regras da sala, fazer um planejamento pautado em atividades voltadas para as suas potencialidades e possibilidades cognitivas e sensoriais também são atitudes muito úteis. (MACHADO, 2019, p. 103)

A escola tem de ter o compromisso de juntamente com a família e a equipe multiprofissional de dar as bases para que as crianças com autismo possam levar as aprendizagens adquiridas para a sua vida social, a fim de facilitar o convívio destes com as demais pessoas.

O Atendimento Educacional Especializado é uma importante via para que o ensino e a aprendizagem sejam facilitados, no entanto como demonstra a pesquisa nem todos os alunos, mesmo os matriculados participam do AEE.

Tabela 1 - Educação Especial Na Perspectiva De Educação Inclusiva E O Atendimento Educacional Especializado.

Participa do AEE	Sim: 24
	Não: 16
	Não informou: 03
Atendido pelo CAEE Hallef Pinheiro	Sim: 15
	Não: 27
	Não informou: 1
Teve atendimento CAEE ou escolar na pandemia com equipe multidisciplinar.	Sim: 03
	Não: 34
	Não informou: 03

Fonte: (Edivana P, et al, 2020)

Nesta pesquisa foi possível identificar que 4 pessoas com AUTISMO, ainda não se encontram matriculados na rede regular de ensino. (figura 5) Averiguamos ainda que 34 alunos estão há mais de um ano sem atividades escolares ofertada pela rede municipal de ensino e 27 estão sem Atendimento Especializado pela equipe multidisciplinar do CAEE Hallef Pinheiro Vasconcelos.(tabela 1).

Esse tempo todo sem acompanhamento especializado para uma pessoa com autismo é um retrocesso no seu processo de desenvolvimento, pois muda toda uma estrutura de rotina

estabelecida previamente e coloca em uma nova que precisa de reformulação e, principalmente apoio incondicional por parte da família, porém a presença de profissionais capacitados é indispensável, haja vista que:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996).

Sem o acompanhamento necessário o retrocesso na sociabilidade desses alunos é inevitável.

De acordo com Moreira e Souza (2019), O AEE é muito importante, uma vez que, privilegia as especificidades de cada aluno, sobretudo, daqueles que necessitam de atendimento educacional especializado. Sendo uma forma de proporcionar oportunidades para inclusão, em um espaço de transição para aquisição de hábitos e atitudes, facilita a convivência social seja ela numa classe especial ou regular de ensino.

A pandemia gera uma série de desafios para todas as instituições de ensino, pois elas terão que buscar formas de atender a todos os alunos, para que nenhum tenha perdas em sua aprendizagem “É necessário considerar propostas que não aumentem a desigualdade ao mesmo tempo em que utilizem a oportunidade trazida por novas tecnologias digitais de informação e comunicação para criar formas de diminuição das desigualdades de aprendizado” (Brasil. 2020).

Novas formas de atuação na educação foram exigidas aos profissionais da área, e diante disso, a escola não mais ignorar os acontecimentos em sua volta, nem anular e marginalizar as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. (MANTOAN, 2006).

Podemos notar ainda com a pesquisa que 20 pessoas com TEA, não participam de Atendimento Educacional Especializado, no município de Breves. Segundo a resolução nº 04/2009;

Os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE),ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

O Atendimento Educacional Especializado é um importante serviço pois tem como uma de suas funções buscar estratégias para eliminar as barreiras educacionais e sociais, e neste período de pandemia é um importante serviço para as pessoas com deficiência, pois além de atender o aluno, orienta a família e os professores.

Segundo a pesquisa, muitas pessoas com autismos tiveram muitas mudanças no comportamento, irritabilidades e outros, que certamente o professor de AEE, poderia junto com a família, buscar estratégias para colaborar com o desenvolvimento do discente. Neste bojo, apontamos a importância do atendimento da Equipe multidisciplinar a esse público, mesmo que de forma remota.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente do que a maioria das pessoas acreditam no senso comum, o TEA não é uma doença, mas se trata de uma condição em que a pessoa autista não desenvolve aspectos referentes aos sentimentos e isso interfere nas suas interações sociais, na comunicação e no seu comportamento.

A pandemia do Covid-19 exigiu diversas mudanças na educação brasileira, onde a forma remota de ensino se difundiu, porém, isso evidenciou muitas problemáticas existentes nas escolas públicas, uma vez que nem todas estão preparadas para essa nova forma de educar, principalmente no que diz respeito à Educação Inclusiva.

No que tange, à Educação Inclusiva, as famílias tiveram mais do que nunca de se fazer presentes no processo de ensino e aprendizagem, visto que as escolas tiveram que fechar as portas para manter o distanciamento social exigido para a não propagação em larga escala do vírus.

O movimento MIM foi de extrema importância neste período pandêmico, e principalmente para a construção deste trabalho, uma vez que o resultado desta pesquisa foi baseado nas informações obtidas do mapeamento realizado e disponibilizado pelo movimento. E ousamos dizer que sem esses dados talvez não conseguiríamos mensurar o impacto gerado na pandemia, na vida das pessoas com autismo, bem como de seus familiares, uma vez que nesse período, as pesquisas de campo foram mais difíceis de serem realizadas em decorrência ao isolamento social que se tornou necessário nesse momento.

Os alunos com Transtorno do Espectro Autista têm particularidades que necessitaram passar por uma adaptação nesse momento de Pandemia, pois a rotina deve ser uma constante na vida das pessoas com autismo, pois ela o mente focado. Sem a escola e tendo que manter o

distanciamento social, as atividades ficaram restritas às casas, ou seja, tornou-se necessário estabelecer uma nova rotina, porém isso não é uma tarefa fácil como se evidenciou na pesquisa.

Uma vez acostumados a rotina, qualquer coisa que os tire dela pode trazer danos a sociabilidade desses alunos, principalmente depois de mais de um ano sem ter as atividades escolares que tanto estavam acostumados.

Diante disso, é urgente pensar formas de manter, mesmo que minimamente o contato desses alunos com os professores especializados, para que assim não sofram tanto o impacto nas suas rotinas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM**. 4 ed. Washington D/C, 1994.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. American Psychiatric Association (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5**. 5ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2014

BAIO, J. WIGGER L, CHRISTENSEN DL, Maenner MJ, Daniels J, Warren Z, et al. Prevalence of autism spectrum disorder among children aged 8 years. autism and developmental disabilities monitoring network, 11 sites, United States, 2010. **MMWR Surveill Summ**. 2014;63(2):1-21. PMID:24670961.

BARBOSA, M.A. et.al. Os impactos da pandemia covid-19 na vida das pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista da SJRJ**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, mar./jun. 2020, p. 91-105

BARBOSA, M.C.S. A rotina nas pedagogias da educação infantil: dos binarismos à complexidade. **Currículo sem fronteiras**, v.6,nº1.pp.56-69,Jan/Jun 2006.

BORSTEL, V. V.; FIORENTIN, M. J.; MAYER, L. Educação em tempos de pandemia: constatações da coordenadoria regional de educação de Itapiranga. *In*: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro (Orgs). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. – Cruz Alta: Ilustração, 2020.

BRASIL **Declaração de Salamanca**: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca–Espanha, 1994.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 15 set. 2021.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB**, Lei nº 9394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 19 de ago. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Banco de dados do Sistema Único de Saúde-DATASUS**. 2015. Disponível em <http://www.datasus.gov.br> Acesso em: 01/06/2021

COSTIN, Cláudia; DIB, Caio; DIB, Félix; MINI, Gustavo; BORBA, Gustavo Severa. **A escola na pandemia**: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus. Porto Alegre, 2020.

DIAS, Adelaide Alves; SANTOS, Isabelle Sercundes; ABREU, Adams Ricardo Pereira de. Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na Educação Infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 101-124, jan./jan., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79005>. Acesso

em: 12/03/2021.

MACHADO, Gabriela. A importância da rotina para crianças autistas na Educação Básica. **Revista Gepesvida**, ICEP, v. 1, n. 9, p. 100-114, 2019-1. Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>. Acesso em: 15/05/2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2006.

MATOS, Cleide Carvalho de et al. **Nota Técnica 01/2020: o município de Breves-Marajó no cenário da Covid-19**. CUMB (Campus Universitário do Marajó-Breves), Breves, 2020.

MOREIRA, Januária; SOUZA, Augusto de. 2019. A importância do Atendimento Educacional Especializado para os autistas. **Revista Mythos**, v. 11, n. 1, p. 16-25, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.36674/mythos.v11i1.251>. Acesso em: 14/04/2021.

NAZARI, A. C. G., Nazari, J., Gomes, M. A. **Transtorno do espectro autista: discutindo o seu conceito e métodos de abordagem para o trabalho**. Disponível em: http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/transtorno_do_espectro_autista_discutindo_o_seu_conceito_e_metodos_de_abordagem_para_o_trabalho.pdf. Acesso em: 03/02/2021

NOGUEIRA, Raimundo Augusto. Mudanças na sociedade contemporâneas. **Mundo Jovem**, São Paulo, nº. 123, fev. 2002.

OLIVEIRA, Jonathan Emanuel Lucas Cruz de *et al.* Cuidados à criança portadora de transtornos do espectro autista: uma revisão integrada. **CONBRACIS**, 3. 2018, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 13/06/2018 - 15/06/2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conbracis/2018/TRABALHO_EV108_MD1_SA4_ID2010_21052018215251.pdf. Acesso em: 13/03/2021.

SILVA, M.K.; SILVA, L. C. S. ZACARIAS, J. C. Recorte histórico acerca dos Movimentos Sociais em prol dos Direitos das Pessoas com Deficiência. **ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**, 9, 2016, FÓRUM PERMANENTE INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, 10, v.9, P. 1-14, 2016.

VIEIRA, Ima Célia et al. **Nota Técnica 07/2020: 01 Panorama da COVID-19 nos municípios do Marajó, Pará**. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 2020.